



IMAGENS MENTAIS NOS SONHOS: ESTUDO DE CASO COM DOIS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL, NA CIDADE DE CRICIÚMA/SC

Ledijane Cristina Sachet Ghisi*

Resumo

A autora estuda as imagens mentais presentes nos sonhos de dois deficientes visuais: um portador de cegueira congênita e outro com cegueira adquirida. Apresenta os relatos desses sonhos e também uma análise comparativa dos dados obtidos. Os resultados mostraram que os participantes sonham e formam imagens mentais, seja com base na percepção dos outros sentidos ou da memória visual. Conclui com a proposta de dar prosseguimento à pesquisa, aprofundando um tema que pode propiciar ricas e valiosas contribuições para a área.

Palavras-chave: Deficiência visual. Sonhos. Imagens mentais. Sentidos. Memória visual.

A pesquisa a seguir apresentada foi realizada por meio de entrevistas consentidas com dois portadores de deficiência visual, um portador de cegueira adquirida (PCA) e um portador de cegueira congênita (PCC). As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise individual e comparativa.

* Psicóloga – Programa de Pesquisa PIC V – m.ghisi@terra.com.br.



Considerações sobre o portador de deficiência visual

Existem, de um modo geral, dois tipos de deficiência visual: a congênita, em que o indivíduo nasce cego, e a adquirida. Embora a preocupação com a cegueira seja antiga, pesquisas sistemáticas sobre os seus efeitos psicológicos são comparativamente recentes. Amiralian (1997) contribui em seu livro com um tema acerca da cegueira congênita e o desenvolvimento dos primeiros anos de vida, com algumas pesquisas sobre a formação de conceitos a partir das experiências táteis-cinestésicas e auditivas, e a ausência da visão, meio por excelência para a organização e integração das informações sensoriais.

A mesma autora apresenta o estudo de Fraiberg (1977), que descobriu que a aquisição do conceito de objeto é retardada na criança cega e está relacionada à aquisição da coordenação ouvido-mão, porque o som em si confere substancialidade aos objetos. Outra pesquisa apresentada pela autora é a de Santin e Simmons (1997), segundo a qual a ausência de estimulação para dirigir a atenção das crianças para objetos do ambiente, mais a impossibilidade de usar a visão como meio de organização e integração das informações sensoriais, conduz a uma formação de conceito de objeto diferente do que ocorre com as crianças que enxergam, e, embora as crianças cegas atribuam a esses objetos as mesmas palavras usadas pelos videntes. Essas palavras possuem significados diferentes, peculiares e pessoais a elas.

O segundo tipo, a deficiência visual adquirida, ocorre quando o indivíduo nasce com a visão “normal” e, seja por doença, acidente, ou por um fator desconhecido, acaba por perdê-la. A caracterização dos efeitos produzidos na personalidade pela aquisição da cegueira apresenta tantas variáveis que torna difícil pensarmos em um grupo de pessoas com cegueira adquirida. A perda da visão pode ocorrer sob diversas condições, várias formas, e em diferentes idades. Lima (1999, p.117), por sua própria experiência, contribui dizendo que: “[...] aceitar e encarar que nos tornamos inválidos não é nada fácil”.

A cegueira adquirida subitamente por algum acidente apresenta inicialmente uma intensa reação ao choque sofrido, e só posteriormente uma lamentação pelas perdas e privações que sobrevêm a este. De acordo com Amiralian (1997), as reações ao choque descritas por Blank (1957) como despersonalização, e por Vash (1988) como uma experiência de encontro muito próximo com a morte, exigem uma retirada momentânea da carga afetiva e um posterior tempo de luto e lamentação para a pessoa digerir suas perdas. Só depois, poderá enfrentar o longo caminho de “renascimento” como pessoa cega. Também Cholden (1958) e Blank (1957), segundo a mesma autora, afirmam que a tragédia da cegueira



adquirida se aprofunda e prolonga quando se encoraja o paciente a fugir da aceitação da realidade que pesa sobre ele. Sem dúvida, a perda da visão é um morrer, é o fim de certa maneira de viver, é o término de métodos adquiridos de realizações, é a perda de relações humanas estabelecidas, e de uma auto-imagem como pessoa vidente.

Imagens mentais e símbolo

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. As imagens mentais não são passivas, pois, de qualquer maneira, constituem-se na forma como, em momentos diversos, percebemos a vida social e tudo o que nos circunda.

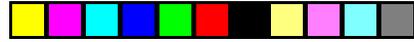
De acordo com Burlingham (1965), citado por Amiralian (1997, p. 47), é possível transportarmo-nos ao mundo da escuridão, pois, segundo o autor, há “um vazio na mente daqueles que constroem suas imagens do mundo sem as impressões visuais e parece que este vazio é ocupado em parte pela atenção da criança às sensações vindas de seu próprio corpo”.

Símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.

O cérebro e as memórias

Os neurocirurgiões constataram que a memória é evocada por duas áreas cerebrais complementares, cuja sinergia dá uma carga afetiva ao tempo presente, a fim de que ele possa reaparecer ulteriormente no pensamento. As emoções são indispensáveis para a criação e para a categorização das lembranças. Mas o cérebro límbico não basta em si mesmo para proporcionar uma memória inteira. Ele só gera rastros fragmentários, que só se tornam lembranças ao final de um trabalho analítico sobre os pensamentos e as emoções, ou seja, no momento do estabelecimento do contexto.

A memória é uma função complexa de dados perceptuais anteriores, de uma atividade emocional límbica e do meio ambiente imediato. “As necessidades



e desejos individuais determinam a nossa maneira de classificar os indivíduos, os lugares e os acontecimentos que povoam a nossa vida cotidiana”, escreve Israël Rosenfield (apud MEYER, 2002, p. 101).

A natureza do estado de sono e de sonho: aspectos históricos e fisiológicos

Lima (2003) explica que o sono é um mecanismo psicofisiológico que envolve toda a atividade cerebral e o sistema nervoso, que entra em processo de relaxamento visando à reposição de energias, a produção de hormônios e o metabolismo de substâncias. Sono e sonho regulam nossa afetividade, re-equilibram nosso sistema nervoso e nossas emoções. Após várias fases de relaxamento, surgem as produções oníricas, que geram em nossa psique o mesmo processo reparador que o sono proporciona ao organismo.

No campo da Fisiologia, a descoberta mais importante foi a da existência do sono REM, do inglês *rapid eye movement* (movimento ocular rápido). Krippner (1998a, p. 8) descreve que esse é o primeiro período e inicia-se cerca de noventa minutos depois de ter começado a dormir. Os sonhos que transcorrem no estado REM têm componentes visuais fortes e são facilmente lembrados, ao contrário do que acontece com aquele ocorrido em outras fases do sono.

Não é fácil estudar a respeito das imagens presentes nos sonhos de deficientes visuais, porque o profissional não encontra prontamente ao seu dispor instrumentos que possam auxiliá-lo. Além disso, há carência de estudos brasileiros sobre a cegueira. Nesse contexto, veremos alguns estudos voltados à temática.

Em 1988, o físico Hélder Bértolo, para saber se os cegos de nascença têm ativação do córtex visual, realizou um estudo que visava a estabelecer correlações entre parâmetros espectrais do EGG (Eletroencefalograma) de sono e as variáveis dos relatos oníricos, particularmente os conteúdos visuais, e analisar as diferenças entre fases REM (sono paradoxal) e NREM (sono lento), em sonhos de cegos. Os voluntários apresentaram conteúdos visuais nos seus relatos oníricos, com diferenças quando acordados em fase REM e NREM, ocorrendo maior incidência durante o sono paradoxal. Concluindo, os voluntários cegos relatam conteúdos visuais nos seus sonhos, a grande maioria durante o sono REM. (ADEVA, 2004)

Segundo Blank (apud AMIRALIAN, 1997, p. 55), os nascidos cegos e os que ficaram cegos antes dos cinco anos de idade não têm sonhos visuais, predominando em seus sonhos as imagens auditivas. Já aqueles que ficaram cegos depois dos sete anos têm sonhos povoados de imagens visuais.



Análise dos dados de pesquisa

Os conteúdos das entrevistas realizadas estão demonstrados em quadros a seguir expostos. O primeiro demonstra a ocorrência de imagens nos sonhos dos entrevistados. Os quadros seguintes apresentam associações entre essas imagens, os sentidos ativados pelas mesmas e as palavras associadas. Já o último quadro apresentado demonstra a análise comparativa dos dados.

Questões do roteiro de entrevistas	Portador de Cegueira Congênita	Portador de Cegueira Adquirida
1) Você sonha?	Sim, sonho	Sim, bastante.
2) Com que frequência você lembra de seus sonhos?	Não é bastante. É de vez em quando [...] se eu sonhar, eu lembro.	É desde uma questão de eu estar com o dia bem agitado, fazendo muitas coisas [...] ouvir sons diferentes, isso estimula muito a quantidade de sonhos que tenho.
3) Alguma vez surgiram imagens com cor ou luzes em seus sonhos?	Agora? Imagem... imagem... Eu não tenho noção de imagem. Mas é como se fosse imagem. Não tem cores.	Imagens com cor e luzes: normalmente.
4) Poderia descrevê-las?	É o seguinte... imagem... vamos supor, uma vez eu sonhei que... (relata um sonho)	Assim, em todos os sonhos que eu tenho, as cores são permanentes, já pelo próprio motivo de ter enxergado até os meus quatorze anos. Então as cores são frequentes.

Quadro 1 - Os portadores de cegueira sonham, independentemente de contar com o sentido da visão.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2004.

Como visto, ambos os entrevistados sonham e há ocorrência de imagens em seus sonhos, sendo que nos sonhos do PCA há a presença de cores. Depois de confirmado que o PCC sonha, são identificadas as imagens mentais que apareceram nos seus sonhos e relacionadas aos sentidos.



Sonhos relatados	Imagens Mentais Percebidas	Falas recortadas dos relatos de sonhos	Sentidos Ativados
SONHO 4	Império Romano Lutando Espada Imagem Corporal Cores: Cavalo Branco e grande Roupas de Época: Vermelha	- Eu estava com espada, em cima de um cavalo. Eu só sei que eu estava lá, com uma espada na mão. - O único que eu não me vi como cego, foi esse do Império Romano [...] eu quero dizer que eu enxergava porque estava normal! Porque todos os sonhos que eu sonho cego eu estou com uma bengala, eu nunca larguei da bengala [...]. - Hum! Cavalo branco [...] eu estava de vermelho [...] eu tenho do que me falam, mas noção de cor eu nunca enxerguei, né? [...] o vermelho é a cor do sangue, uma cor forte, cor viva, cor do vinho [...] e o branco é a cor da paz, uma cor mais suave, uma cor mais tranqüila.	Tato Visão ¹ Audição

Quadro 2 - Entrevistas: Imagens Mentais dos Sonhos e os Sentidos (PCC)

Fonte: Dados da Pesquisa (2004).

Percepções além dos cinco sentidos?

Além de ativar os sentidos da audição, tato e paladar, algumas imagens mentais ocorridas nos sonhos desse sujeito da pesquisa foram significativas, pois parecem transcender tempo e espaço. O sujeito relata que o que apareceu em alguns sonhos foi “inusitado”, pois não sabe por que sonhou com aquelas imagens. A ocorrência de imagens inesperadas ficou evidenciada na seguinte fala: “Foi, né, coisa até esquisita, né, porque é uma coisa que eu nunca ouvi falar [...]” (Sonho 4 - PCC) Sendo assim, foram focalizados aspectos ligados a percepções além dos cinco sentidos, aspectos que transcendem tempo e espaço.

O PCC afirmou acreditar que as imagens de épocas passadas ocorridas em seus sonhos tivessem ligação com vidas passadas, mas também associou tais imagens aos conteúdos das aulas de História estudados no dia anterior.

Pela análise realizada, percebeu-se que os sonhos relatados pelo PCC foram aqueles mais antigos, ocorridos no período entre 11 e 19 anos de idade, e os relatos mostraram o quanto sua função intuição é aguçada, misturada com percepções táteis e auditivas.

¹ A visão aqui referida não é obviamente a visão física, mas sim a percepção de uma imagem mental por parte do sujeito, a qual é descrita como uma visão.



Sonhos relatados	Imagens Mentais Percebidas	Falas recortadas dos relatos de sonhos	Sentidos Ativados
SONHO 7	Novas Imagens	- Eu juntei duas meninas que eu não conheci visualmente, conheci só oralmente.	Audição
	Meninas	- Até tem um prédio que foi uma grande referência, até no próprio sonho eu olhei pra ele, e eu olhei a referência.	Visão
	Rapaz	- E eu via que estavam os funcionários da prefeitura tirando os paralelepípedos.	Visão
	Avenida	- E ali comecei a conversar com essas duas gurias [...] que eu não tive toque.	Audição
	Centenário	- E eu consegui observar bem como é na verdade o formato do corpo dela.	Visão
	Ed. Las Palmas	- E onde eu estava eu avistava a casa onde eu morei durante 10, 15 anos.	Visão
	Memória visual	- No sonho até engraçado, eu fazia pouco movimento, mas eu chegava perto das imagens. - Começava a ver muita coisa, só o que mais me chamou atenção é essa mudança no centro da Avenida, [...] não se via nenhum pé de coqueiro, nenhum... Só pé de ipê.	Visão
Imagens bem definidas	- Eu olhei pra esquerda, e eu via a Dpascoal. - Ai ficamos ali, conversando e aquele movimento intenso.	Audição	
Sem imagem corporal	- Todos os tipos de Chevette que eu tinha visto até em então. - Não tinha nada de bengala... - É tudo como se eu estivesse conversando com as pessoas.	Visão	
		- E até interessante que eu via muita coisa abaixo.	Audição

Quadro 3 – Entrevistas: Imagens Mentais dos Sonhos e Memórias Visuais (PCA)

Fonte: Dados da Pesquisa (2004).

Esse sujeito, desde o início da pesquisa, demonstrava a importância dos sonhos em sua vida, afirmando sentir vontade de falar, de ter alguém ao seu lado que escrevesse todos os seus relatos para, um dia, no futuro, escrever um livro. Acredita que um livro tratando dos sonhos dos cegos chamaria atenção.

Um ponto que se pode destacar, na análise dos dados da pesquisa com o PCA, foi que seus sonhos que, até então, continham representações de imagens mentais passadas foram sendo re-elaborados com produções de novas combinações de cenas, pessoas e locais que surgiram no decorrer da pesquisa. Assim, surgiram novas imagens em seus sonhos, diferentes daquelas que havia conhecido antes de adquirir a deficiência visual.

Percebe-se, então, que, neste momento, a nova imagem está relacionada com som, sendo ativado o sentido da audição. O PCA, depois de seu acidente,



diz ter uma audição bem mais afinada, e que talvez seja pela necessidade de compensação da perda da visão. Esse sujeito demonstra necessidade de mudanças em suas experiências oníricas, como sonhar com pessoas e locais que não possam ser captados pelo sentido da visão.

A partir das imagens mentais guardadas, outras produções com novas combinações surgiram nos sonhos no decorrer da pesquisa. Percebeu-se que sua imagem corporal não aparecia e que, nos sonhos de tempos passados, sua imagem corporal aparecia. Pela análise realizada, percebeu-se que os sonhos do PCA foram mais atuais, e que os sentidos da visão, audição e tato foram ativados. As memórias visuais aparecem representadas por tempos passados e também na produção de novas combinações. A função intuição também é ativada. Mas seus relatos reproduziram a imagem corporal da época de sua adolescência, secundarizando-se a imagem corporal atual.

P.C.C.	P.C.A.
Menor ocorrência de imagens	Maior ocorrência de imagens
Maior ocorrência de sonho pré-cognitivo	Menor ocorrência de sonho pré-cognitivo
Menor ocorrência de imagens coloridas	Maior ocorrência de imagens coloridas
Ocorrência de imagem corporal referente a sua personalidade atual e outras que não correspondem a sua personalidade atual.	Ocorrência de imagem corporal referente à época anterior à perda da visão e não apresenta imagem corporal atual

Quadro 4 - Comparativo: Temas associados às imagens ocorridas nos sonhos

Fonte: Dados da Pesquisa (2004).

Para essa sistematização, foram aglutinados alguns pontos significativos das imagens mentais ocorridas nos sonhos dos dois sujeitos da amostra. Um dos dados que chamou a atenção, embora esperado, foi a constatação de que a vivência da cegueira no PCC tende a dificultar a expressão do que é uma imagem ou a sua descrição com muitos detalhes, como se observa na fala a seguir.

Agora, imagem, imagem (risos) eu não tenho noção de imagem, né! Mas é como se fosse imagem, não tem cores, entendesse? (1ª Entrevista - Questões Abertas - PCC)

[...] Eu não sei te explicar detalhadamente. (Sonho 4 - PCC)

O portador de cegueira congênita possui menor ocorrência de imagens nos relatos de seus sonhos, maior ocorrência de sonhos pré-cognitivos, alguns



relatos com cores e imagens mentais que não correspondem à personalidade atual e também referentes à sua imagem corporal.

Por outro lado, com o PCA, um ponto significativo observado durante a pesquisa refere-se aos enormes relatos dos sonhos contendo informações minuciosas de formas e cores, nomes de ruas e locais públicos. Essa caracterização enquadra-se tanto nos sonhos dos tempos passados, como nos sonhos de novas imagens mentais que foram criadas. É significativo esclarecer que as memórias visuais que estavam guardadas fizeram parte de seus sonhos nos dois momentos.

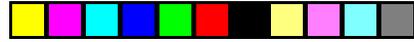
Nessa análise transversal, podem-se trazer do referencial teórico os estudos de Krippner (1998b), pois muitos dos relatos de sonhos estudados podem ser enquadrados nas categorias denominadas por esse autor como sonhos exóticos, principalmente nas categorias dos sonhos de vidas passadas e pré-cognitivos, os quais trazem imagens de épocas que não correspondem à sua personalidade atual, e imagens de eventos que ainda não aconteceram, não sendo, portanto, informações do dia-a-dia, percebidas em alguns dos sonhos pesquisados.

Outro estudo que contribui para essa análise é o realizado por Lima (2003), que, em sua pesquisa, destaca as particularidades da realidade psíquica de um portador de deficiência visual, pois além dos componentes pessoais e sociais, observam-se componentes universais presentes na vida dos deficientes. São componentes que transcendem tempo e espaço, credos e dogmas, culturas e sociedade. O referido autor refere-se aos arquétipos descritos por Jung, explicando que eles nos mostram, de forma prática, que, além dos conteúdos individuais, da dor e do sofrimento particular do deficiente, existem elementos comuns se repetindo, independentemente da história de vida pessoal. Entretanto, embora as imagens sejam universais, o significado que elas adquirem para cada um difere dos demais. Os sonhos são, então, leituras simbólicas pessoais.

A pesquisa demonstrou que o PCC, privado do sentido da visão desde seu nascimento, apenas pelo tato encontra muitos objetos que lhe interessam. Sente os objetos com sua simetria, seus formatos, procurando, dessa forma, captar sua imagem por meio dos outros sentidos.

O PCA, com seu entusiasmo em buscar descrições para as imagens que não foram captadas visualmente, procura estar em contato constante com o mundo externo, em suas formas e nas descrições de cores, para que essas imagens permaneçam em sua mente, mesmo sendo criadas por meio dos outros sentidos.

A pesquisa cumpriu com o objetivo proposto - conhecer as imagens mentais presentes nos sonhos dos portadores de cegueira congênita e adquirida, cabendo dizer, porém, que o tema é amplo e suscita novos estudos. Uma pesquisa que se proponha a aprofundar esse tema pode trazer ricas e valiosas contribuições, uma vez que a importância terapêutica da técnica de sonhos parece indicar caminhos



possíveis para o entendimento psicoterápico das pessoas cegas. Talvez, então, um estudo que se proponha a verificar a eficácia desse método terapêutico com sujeitos privados da visão, utilizando os sonhos como facilitadores e organizadores de seu mundo interno, seja uma das rotas abertas.

Assim, percebe-se a deslumbrante dimensão onírica da mente, com o mistério e o poder das imagens, vendo nelas uma fonte eterna de sabedoria, capaz de lançar o ser humano para além de uma dimensão que transcenda o sentido da visão.

Abstract

Mental images in the dreams: study of case with two carriers of visual deficiency, in the Criciúma City

The author makes study on the mental images in the dreams, with two deficient appearances: a carrier of congenital blindness and another one with acquired blindness. She also presents the stories of the dreams and a transversal analysis with the gotten data. The results had shown that, the participants dream and form mental images, are with the perception of the others directions or with the kept visual memory. It concludes with proposal to give to continuity with the research, going deep this subject that can bring rich and valuable contributions.

Keywords: Visual deficiency. Dreams. Mental images. Felt. Visual memory.

Referências

ADEVA (Associação de Deficientes Visuais e Amigos). **Imagens e a cores:** Cegos de nascença sonham com imagens. Disponível em <http://www.adeva.org.br/fique_por_dentro/imagem_e_as_cores.htm.> Acessado em: 22/07/2004.

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. **Compreendendo o Cego:** Uma Visão Psicanalítica da Cegueira por Meio do Desenhos-Estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BÉRTOLO, Hélder e Teresa Paiva. **Conteúdo Visual em Sonhos de Cegos.** Laboratório EEG/Sono – Centro de Estudos Egas Moniz – Faculdade de Medicina



de Lisboa. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2001, 2 (1). 23-33. Disponível em <<http://www.sp-ps.com/pdf/PSD-11-1/helder-23-33.pdf>> - Acesso em: 11 de agosto de 2004. Horário: 20h40min.

KRIPPNER, Stanley. **Decifrando a Linguagem dos Sonhos**. Tradução: Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1998a.

_____. **Sonhos Exóticos – Como Utilizar o Significado dos Seus Sonhos**. Tradução: André Percia de Carvalho. São Paulo: Summus, 1998b.

LIMA, Jorge Antônio Monteiro. **Tirésias: Olhos da Alma Sã: A Busca da Doença e o Encontro com a Saúde**. São Paulo: Vetor, 1999.

_____. **Deficiência Visual e Sonhos Arquetípicos**. *Revista Viver*. Nº 130, Ano XII. Novembro de 2003.

MEYER, Philippe, 1993. **O Olho e o Cérebro**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

